

Os irreverentes de São José do Egito

Nas pequenas cidades do interior do Nordeste, mas especificamente do sertão, existem personagens que desconstróem o sentido clássico da antropologia e da sociologia. São pessoas fora da ordem comum e que tem uma lógica própria de ser humano e de viver na sociedade em que estão inseridos. São os chamados pela sociedade de doidos. Em se tratando de São José do Egito, a cidade no século passado teve figuras singulares nos seus devidos comportamentos. Irei falar de alguns que permearam a minha infância, adolescência e começo da vida adulta. Começarei por “Bio Doido” (Severino Cassiano). De “influência Lunática”, Bio era um tipo que aparecia uma certa época e depois desaparecia. Segundo consta pela narrativa das pessoas mais velhas do que eu, Bio resolveu pular de cima da ponte dos Grossos, onde passa o rio pajeú. De acordo com a narrativa das pessoas, ele dizia: “foi bom o salto, só não gostei da chegada”. Por causa do salto ele ficou com uma certa deficiência nas pernas, e no período em que entrava no estado que chamamos de loucura, Bio amarrava um amontoado de papelões e plástico nas pernas. Era uma cena bizarra vê-lo pelas ruas de São José do Egito. Eu, e os amigos de infância quando víamos aquele homem alto, de pernas tortas, de andar tropego, com o pedaço de pau na mão, que funcionava como uma bengala, nós, meninos, morrendo de medo, corríamos feito preás assustados, fugindo de um veloz cachorro vira-lata.

Além de ser uma figura bizarra e assustadora, Bio tenha um senso de humor para saber dar respostas curiosas e inteligentes. Certa vez passando em um lugar de cidade onde as pessoas jogavam lixo, Bio achou um relógio da marca oriente. Era um relógio grande. Ele não teve dúvidas, pegou o relógio e colocou no pulso e saiu pela cidade todo orgulhoso e olhando a todo instante para o marcador das horas. Uma pessoa presenciando tal cena, perguntou: “Bio, que horas no teu relógio”? Ao que Bio respondeu: “O relógio está quebrado!”. A pessoa argumentou: “Assim não adianta”. Bio respondeu: “E nem atrasa”. Rs.

Em um ano de inverno chuvoso, prometendo boas colheitas para quem plantasse, Bio, devido ter uma pequena porção de terra no sitio Retiro, foi à casa de Walfredo Siqueira (chefe político e dono de usina de beneficiamento de algodão) pedir umas sementes de algodão para plantar na sua pequena porção de terra. Walfredo Siqueira olhou para Bio e perguntou: “Tua terra é nova ou velha?”

No mesmo instante Bio respondeu: “Walfredo, acho que minha terra é da idade das outras.”

Outra figura peculiar era Maria do Tigre (Maria Araújo), nascida no sítio Tigre, localizado entre São José do Egito e Santa Terezinha (PE). Devido ter tido uma formação religiosa bastante conservadora e doutrinária, Maria do Tigre se assemelhava a Maria Quadrado, beata de Antônio Conselheiro do romance *A Guerra do Fim do Mundo*, do Nobel em Literatura, o peruano Mario Vargas Llosa.

Com vestido longo, cabelos despenteados e compridos, Maria do Tigre perambulava pelas ruas de São José do Egito fazendo pregações bíblicas e dizendo que quem não rezasse e não atendesse o que estava escrito na bíblia, quando morresse, iria para o inferno. A todo instante ela dizia: “veja padre quantas almas no inferno estão sofrendo porque não deram importância a isto que estou dizendo, se rezasse o rosário neste lugar ordinário não estava padecendo”. Maria do Tigre era um vulto apocalíptico, parecida com as bruxas medievais, perseguidas pela Igreja Católica durante a famosa época conhecida como, “As caças as bruxas”.

Oriundo da zona da mata pernambucana, apareceu em São José do Egito uma figura impar no seu modo de ser, muito peculiar e esdruxulo. Torcedor do Spor Clube do Recife, Milonga, (eu nunca soube o nome de batismo dele) como era conhecido, era um homem inquieto e andarilho pelas ruas de São José do Egito. Ela tinha uma conversa quase onomatopeica com as pessoas da cidade. Sua fala era de poucas palavras e muitas vezes desconhecidas ou incompreensíveis. Eu, particularmente, nunca soube onde ele morava e de quem ele recebia alimentação. Acredito que era das pessoas que se solidarizavam com o peregrino urbano.

Um dos comportamentos que mais personificou Milonga, era o hábito de ele se abaixar para pegar algumas coisas que ele via no chão. Não existia um padrão com relação ao que ele pegava, e muitas delas, ele jogava sobre as casas ou então colocava no bolso um numa mochila e depois descartava. Contudo, o mais estranho é que ele às vezes só tocava no chão, como se estivesse se comunicando com a terra. Esse comportamento estranho, para os ditos normais, era uma rotina diária do peregrino torcedor do Sport pelas ruas da cidade que ele adotou como seu lugar.

Particularmente, não sei em que ano e a causa da morte de Bio Doido. Maria do Tigre eu soube que os últimos anos de vida, alguém cuidava da beata em uma casa no bairro Planalto. Milonga, morreu atropelado por um automóvel na rua que dá saída de São José do Egito para a cidade de Brejinho (PE).

Personagens fora da ordem comum do comportamento dito como normal, são representações simbólicas das cidades do sertão que alimentam o espírito da cultura local e servem de inspiração para diversas linguagens estéticas e artísticas, capazes de inspirarem escritores como Ariano Suassuna, entre outros escritores, poetas, folcloristas e compositores (as).

Personagens ditas como doidas ou loucas, não têm representação e afirmação no meio social, vivem à margem da sociedade, perambulam pelos quatro cantos da cidade, muitas vezes servindo de zombaria, de desprezo e de violência por parte das pessoas ditas normais. No tempo em que a sociedade não tiver mais o manto do preconceito e da discriminação com relação aos diferentes, possivelmente, poderemos compreender, aceitar e acolher pessoas como as citadas nesse curto ensaio.

Gilmar Leite Ferreira